

Santo Antônio, a Verdade e o Mito

O Sóbrio Monge dos Primeiros Tempos, e o Fazedor de Milagres da Devoção Popular

Carlos Cardoso Aveline



O Santo Antônio na imagem clássica com o Menino Jesus no colo e dando alimento aos pobres

Santo António de Lisboa, ou Santo Antônio de Pádua, foi contemporâneo de Francisco de Assis: um franciscano da primeira hora. Nascido em Portugal em torno de 1190 ou 1195, o seu dia é comemorado em 13 de junho, porque morreu nesta data em 1231.

Antônio é o principal pensador dos primeiros anos da ordem franciscana, e muitas das suas ideias continuam atuais.

Os seus escritos possuem vários pontos em comum com a teosofia de Helena Blavatsky, entre os quais podemos destacar:

- * O ensino de uma vida pura, baseada na simplicidade voluntária;
- * As denúncias, sem meias palavras, da corrupção do alto clero e dos prelados;

* A consciência de que o caminho espiritual consiste em avançar pela escada mística que liga Céu e Terra; e

* A necessidade da independência individual de cada aprendiz. A autorresponsabilidade é fundamental: não basta acreditar mecanicamente em alguma coisa.

Tenente-Coronel Santo Antônio

Antônio de Lisboa foi o primeiro escritor português cuja obra teve um forte impacto no mundo todo. Embora partilhem das limitações da idade média, os textos de Antônio propõem uma vivência direta da sabedoria espiritual. Não perdem força com a passagem do tempo.

Por outro lado, a imagem popular do santo emerge da imaginação criadora dos cristãos e tem vida própria. As lendas sobre os milagres feitos por ele chamam atenção pela falta de realismo. O santo Antônio da opinião pública é intensamente independente da verdade histórica.

Um exemplo: no século 19 o santo foi nomeado tenente-coronel do Exército em decisão assinada no Rio de Janeiro pelo Príncipe Regente Dom João VI. A vida militar do santo é assunto de um dos poucos textos em que Helena Blavatsky se refere diretamente a Portugal e Brasil.

Blavatsky escreve:

“Em 1808, Dom João VI, Príncipe Regente de Portugal, temendo Napoleão I, fugiu para o Brasil; e em 1815 foi coroado monarca do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Reconvocado ao seu país pelas Cortes de Portugal, ele voltou a Lisboa em 1821. E agora um documento muito interessante, contendo nada menos e nada mais que a nomeação do há muito falecido Santo Antônio para o posto de Tenente-Coronel do exército português, por parte deste príncipe, foi divulgado na publicação de Lisboa *Revista Militar*.”

Em seguida, Blavatsky faz a transcrição literal da “singular proclamação em língua portuguesa”:

“D. João, por graça de Deus, príncipe regente de Portugal e dos Algarves (...): Faço saber, aos que esta minha carta patente virem, que, sendo da minha particular devoção o glorioso Santo Antônio, a quem o povo desta corte incessantemente e com a maior fé dedica os seus votos, e tendo o céu abençoado os esforços dos meus exércitos, com a paz que se dignou conceder à monarquia portuguesa, crendo eu piamente que a eficaz intercessão do mesmo santo tem concorrido para tão felizes resultados: Tenho por bem se eleve ao posto de tenente-coronel de infantaria e com ele haverá o respectivo soldo, que lhe será pago na forma das minhas reais ordens, pelo que o marechal de campo, Ricardo Xavier Cabral da Cunha, que na qualidade de ajudante general, e encarregado interinamente do comando das armas desta corte e capitania, assim o cumpra; e o soldo referido se assentará nos livros a que pertencer, para lhe ser pago em seus devidos tempos. Em firmeza [disso] mandei passar carta, por mim assinada e selada com o selo grande de minhas armas. Dada nesta cidade do Rio de Janeiro

*aos 31 do mês de agosto do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1814. - O príncipe.”*¹

A fundadora do movimento teosófico moderno conclui o artigo com as seguintes palavras:

“Podemos acrescentar que esta não é a primeira vez que santos falecidos foram nomeados para altas posições na hierarquia militar. Santiago, na sua função de Capitão-General, recebeu durante anos o seu salário do governo espanhol, ao qual ele (?) renunciou em favor da igreja que leva o seu nome.”²

O olhar irônico de Blavatsky é natural. Sendo leiga em assuntos militares, ela não precisava saber que a “fuga” da família real para o Brasil foi uma tática inteligente e eficaz, uma retirada estratégica que preservou o aparelho de estado.

Tampouco precisava levar em conta que as guerras efetivamente envolviam a devoção a deuses e santos como um elemento decisivo nas batalhas. Os países cristãos, quando em guerra uns contra os outros, usavam a crença em Deus, Jesus, Maria, e nos seus santos preferidos como meio de aumentar sua força moral e obter vitória nos campos de batalha, apesar de estarem lutando contra cristãos que rezavam para o mesmo deus e os mesmos santos. A natureza humana é paradoxal. A coerência nem sempre é o nosso ponto forte. A confiança mental e a devoção fazem milagres em mais de um sentido, inclusive na guerra.

A devoção a Santo Antônio, como patrono do exército português, exerceu papel importante ao longo do tempo, aumentando a coragem e a determinação das tropas. Embora a sua nomeação como tenente-coronel possa parecer ridícula, ela foi eficiente como fator psicológico e mesmo espiritual.

Os Dois Tipos de Milagres

Antônio é conhecido como “o santo dos milagres”, mas devemos levar em conta que há pelo menos dois tipos de milagres: os reais e os imaginários.

Os fenômenos autênticos são resultado dos poderes naturais da mente humana. Os “milagres” do Novo Testamento ocorrem porque Jesus tinha sua força mental desenvolvida, e também

¹ Ao invés de traduzir esta citação desde o inglês para o português, reproduzo aqui diretamente o original do documento assinado no Rio de Janeiro, tal como publicado na obra “*Investigações Históricas do Regimento de Infantaria nº 19*”, de Augusto Carlos de Souza Escrivanis, Typographia da Companhia Nacional Editora, Lisboa, Portugal, 1900, 115 páginas. Ver pp. 113-114.

² O texto de Blavatsky é reproduzido de “[O Teosofista](#)” de abril de 2021, pp. 1-3. Foi publicado pela primeira vez em “The Theosophist”, Índia, edição de dezembro de 1879. Faz parte também dos “Collected Writings”, H. P. Blavatsky, TPH, EUA, vol. II, ver pp. 180-181. As informações em que se baseia o texto de Blavatsky foram provavelmente mandadas a ela pelo Visconde de Figanière, seu amigo pessoal, ex-representante diplomático de Portugal na Rússia, e o maior pioneiro da teosofia no mundo lusófono.

porque as pessoas a quem ele ajudava tinham fé e mereciam. Quando um leproso curado por ele agradece humildemente, Jesus responde:

“Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou.” (Lucas 17:19)

Inúmeros testemunhos, presentes em todas as religiões, falam de místicos avançados que dispõem de forças morais e espirituais pouco conhecidas pela população em geral. Mas são igualmente frequentes os relatos fantasiosos sobre fatos imaginários.

Helena Blavatsky aborda o tema dos milagres de Lourdes na obra “Ísis Sem Véu”³, e mostra que tais fenômenos são inteiramente naturais. Decorrem de forças sutis que a própria devoção popular pode colocar em funcionamento.

A imagem de um santo ou sábio na consciência de alguém pode fazer despertar a força interior da pessoa, de modo a que ela mesma, subconscientemente, resolva este ou aquele problema a partir de um plano sutil. Além disso, o magnetismo acumulado da devoção coletiva a um santo é perfeitamente capaz de servir como um espelho e uma reserva de forças que ampliam o poder do pensamento de cada indivíduo.

O poeta Afonso Lopes Vieira escreveu sobre a basílica de Pádua, construída como homenagem a Santo Antônio:

“As preces ... encharcam de alma as coisas; e sente-se, com efeito, ali, boiando no ar, o morno fluido das súplicas, a neblina elétrica das rezas ...”.⁴

A força do pensamento pode tornar-se quase palpável, e há muitas maneiras de desenvolvê-la. No século 19, um discípulo dos Mestres dos Himalaias escreveu ao Iogue:

“Será para o meu bem e ajudará no desenvolvimento de meus poderes de clarividência e clariaudiência, se toda manhã entre 4 e 6 horas colocar um pino de ferro diante de mim e tentar movê-lo com o poder de minha vontade?”

E - levando em conta as condições específicas daquele seu discípulo direto - o Mestre respondeu:

“Tente; isso não pode causar mal e pode ajudar.”⁵

O episódio serve como exemplo de um fato básico. Seja através de uma oração, de uma visualização criativa, de uma tentativa de movimentar um objeto com a força do pensamento ou de um esforço por melhorar a si mesmo no plano moral, todo aprendiz de filosofia deve

³ “Ísis Sem Véu”, Helena Blavatsky, Ed. Pensamento, edição em quatro volumes. Ver volume II, capítulo XV, especialmente as páginas 282 e 283 sobre os famosos acontecimentos de Lourdes.

⁴ Ver p. 185 no livro “Santo António - Jornada do Centenário”, de Afonso Lopes Vieira; Sociedade Editora Portugal-Brasil, de Lisboa, 1932, com 236 páginas, acrescidas de 63 páginas numeradas com algarismos romanos, sendo 20 na abertura do livro e 43 ao final dele.

⁵ Veja o artigo “Ensinaamentos de um Mahatma - 30”, em “[O Teosofista](#)”, novembro de 2019, [p. 17](#).

fortalecer a sua força de vontade. Há inúmeras maneiras de usar e desenvolver o nosso magnetismo pessoal, mas em tudo devemos ser altruístas, *porque o egoísmo destrói moralmente tudo o que o egoísmo toca.*

As Lendas Sobre Antônio

Nascido no final do século 12, pouco se sabe da vida de Antônio. Na época Portugal estava ainda em formação. A sua independência havia sido declarada apenas cinquenta anos antes, através da aclamação do seu primeiro rei no ano de 1139. ⁶

Afonso Lopes Vieira esclarece: Santo Antônio não fez milagres enquanto viveu. Todos eles são posteriores, ou foram criados e atribuídos a ele retroativamente. Sabemos disso graças à *Legenda Prima*, o mais importante documento sobre sua vida.

O “santo dos milagres” foi criado depois da sua morte. As coleções de relatos dos seus feitos extraordinários começaram a circular séculos depois de ele viver, e isso por obra e graça dos jesuítas bolandistas - peritos em propaganda - e não dos franciscanos. Só mais tarde foram incorporadas pela ordem franciscana, como um enxerto. ⁷

O mesmo processo de fantasia ocorre com a maior parte dos santos. O conceito de biografia documentada é coisa recente, especialmente no campo religioso. As lendas biográficas são quase sempre parábolas a interpretar, ensinamentos em um código poético, e não registros literais da vida de alguém.

O Jesus da Bíblia alerta sobre isso nos Evangelhos, e diz que ensina em parábolas, segundo Mateus 13:10-17 e outras passagens.

Assim, as histórias de milagres de Santo Antônio devem ser lidas pelo seu valor em si, e não como documentos históricos. São obras que pertencem à tradição oral dos povos. Muitas delas podem ser vistas como poemas que encerram lições. Outras têm escasso valor. Não vale a pena cair no excesso de ingenuidade. Algumas das histórias exemplificam o uso das potencialidades sutis da alma humana.

É o caso da conversa que Antônio teve, logo depois de morrer, com um dos seus melhores amigos.

Visita a um Abade

* No dia em que faleceu, diz a lenda, Antônio apareceu diante do abade de Vercelli, seu amigo, que estava sozinho em sua cela meditando. Depois de cumprimentarem-se, *Antônio disse que havia deixado em Pádua o seu burrinho, e que estava em viagem para a sua Pátria.*

⁶ Veja o artigo “[Primeiro Rei de Portugal Era Cavaleiro Templário](#)”.

⁷ “Florinhas de Santo António de Lisboa”, Introdução e Tradução de Frei Fernando Félix Lopes, OFM, 173 pp., Editorial Franciscana, Braga, Portugal, 2019, ver Introdução, especialmente p. 11. Cabe registrar que não há fonte religiosa, histórica ou filosófica descrevendo Antônio como arranjador de casamentos ou santo localizador de objetos perdidos.

O abade pensou que Antônio iria para Portugal.

Mas “deixar o burrinho” significava “abandonar o corpo físico”. Antônio estava a caminho da sua *verdadeira pátria*, o mundo celeste. (“Florinhas de Santo António de Lisboa”, 2019, pp. 95-96)

Os Sinos Tocando Sozinhos em Lisboa

* Um ano depois da morte de Antônio, no momento exato em que estava sendo feita em Roma a cerimônia da sua canonização, a população de Lisboa, onde ele nasceu, nada sabia do fato; no entanto, foi tomada de alegria e de contentamento sem que houvesse uma explicação para tais sentimentos. Na mesma hora, todos os sinos da cidade tocaram por si mesmos e sem que ninguém se aproximasse deles. (“Florinhas”, p. 98)

A história simboliza o fato de que tudo está ligado no universo. Os sentimentos humanos são compartilhados de maneiras que raramente percebemos.

O Carma do Apego à Raiva

Até que ponto somos suficientemente fortes em nossa busca pelo bem? Muitos se apegam a sentimentos de raiva e ódio, e assim plantam sofrimento para si mesmos.

* Conta a lenda que um cavaleiro foi ferido em combate. A sua chaga era tão grande que os médicos não viam solução. Fazendo uma promessa a santo Antônio, foi curado. Tão logo isso aconteceu, o cavaleiro começou a imaginar como buscaria vingança dos seus adversários. Diante disso, santo Antônio foi severo. Fez com que a chaga voltasse a aparecer. (“Florinhas”, p. 111)

O filósofo Cícero escreveu sobre o mesmo princípio básico da vida em sua obra “Sobre o Dever”. Afirmou que não basta querer ajudar alguém. É preciso que a pessoa a ser ajudada mereça a ajuda, e que se comporte à altura, com humildade.

Salvando um Bispo com Dureza

* Antônio pregava em Burges, França, com o sínodo inteiro reunido, quando disse diante de todos: “Contigo falo, mitrado!” E começou a falar das mazelas que corroíam a alma do bispo, citando passagens da Bíblia. O bispo penitenciou-se e chorou, tomado de devoção. Acabado o sínodo, o bispo confessou-se com santo Antônio, falando-lhe das chagas da sua consciência. (“Florinhas”, p. 48)

A história mostra que a crítica bem-intencionada, feita com justiça e no momento certo, tem grande poder curativo porque a verdade é o melhor caminho para a paz. De outro lado, a crítica sem fundamento é o hábito infantil dos irresponsáveis. A crítica não pode ser a regra, mas sim a exceção. Em todos os momentos, cabe concentrar o pensamento e o sentimento principalmente no que é bom, belo e verdadeiro.

A Força Contagante do Bom Magnetismo

O poder do magnetismo humano é enorme, embora nem sempre seja percebido.⁸ E há magnetismos puros, e magnetismos impuros. O aprendizado significa purificação.

⁸ Clique para ler o artigo “[O Poder do Magnetismo](#)”.

* Em Limoges, França, vivia um monge que sofria de tentações sensuais. Praticava sem resultado severos jejuns, vigílias e orações. O monge pediu ajuda a santo Antônio, que visitava a cidade. Confessou humildemente seu sofrimento. Antônio deu então a sua própria túnica para que o monge a vestisse. A túnica levava em si tamanha limpeza de alma e tanta pureza de coração - absorvidas do corpo santo de Antônio - que o monge ficou totalmente livre das obsessões que o perseguiam. (“Florinhas”, pp. 38-39)

Lição da lenda: se tivermos real sabedoria, poderemos contagiar com ela algumas pessoas que nos rodeiam, quer seja o fato percebido ou não. Ao agir corretamente e abster-nos de erros, reunimos força magnética e luz espiritual que se derramarão de um modo ou de outro ao nosso redor.

A Ilusão do Cancelamento do Carma

No Novo Testamento, Jesus afirma que cada um deve carregar a sua cruz, ao longo do Caminho. A cruz é o carma. O cristianismo incorpora aspectos centrais da filosofia estoica. O carma de um indivíduo contém as lições que ele precisa aprender.

Nem uma igreja, nem um mestre ou santo podem - através do perdão - cancelar o carma de alguém, ou seja, anular o resultado de seus erros e de seus acertos. As mais diferentes divindades estão *a serviço* da lei da justiça, e não pretendem colocar-se fora dela.

Em um dos seus sermões, Antônio escreve que quando alguém erra de um modo mortal, isto é, muito grave, mas arrepende-se profundamente, recebe em seguida o perdão, isto é, a sua penalidade cármica “passa a ser simples pena purificadora”.⁹

O santo não está errado. O arrependimento é a compreensão do erro. O perdão é o renascimento da afinidade com o mundo divino.

Restabelecida a harmonia com o que é superior, a “pena” de enfrentar as consequências do erro será como inexistente porque tudo se transforma em uma aprendizagem abençoada.

* Uma lenda conta que, depois de escutar uma pregação de Antônio, um homem foi confessar-se. No entanto, ficou tão envergonhado dos seus erros que não conseguia falar. Santo Antônio disse:

- Vai, escreve num papel todos os pecados e traz-me o papel assim escrito.

O homem obedeceu. Feita a tarefa, no momento em que o santo viu o papel, tudo o que estava escrito desapareceu. Ou seja, o carma estava purificado e a sua parte “terrível” e condenatória dera lugar a uma compreensão límpida das coisas. (“Florinhas”, p. 64)

A consciência do aprendiz sincero é limpa, porque ele aprende com seus erros.

⁹ “Obras Completas”, Santo António de Lisboa, Lello & Irmão, Editores, Porto, Portugal, 1987, edição bilingue (latim e português) em dois volumes. Ver volume I, p. 316.

Santo Antônio com o Menino Jesus no Colo

As pinturas mais conhecidas de Santo Antônio mostram-no tendo o menino Jesus nos braços. Vejamos a lenda que deu origem à imagem.

* Certa vez, quando Antônio foi a uma cidade pregar, o fidalgo local deu-lhe um quarto retirado, em sua casa, para que tivesse sossego ao estudar e orar. Em determinado momento, estava o santo recolhido quando o fidalgo foi atacado por uma intensa curiosidade. Resolveu espiar por uma fresta e ver o que o santo estava fazendo. Então viu Antônio com o menino Jesus, alegre e contente, nos braços. O fidalgo contou ao santo o que vira, e Antônio pediu que ele jurasse nada contar a ninguém enquanto Antônio vivesse. (“Florinhas”, pp. 62-63)

Em filosofia esotérica, Jesus representa Buddhi, o sexto princípio da consciência, a alma espiritual e imortal de cada ser humano. Antônio tinha Jesus nos braços, isto é, estava em pleno contato com sua própria alma imortal, durante suas práticas contemplativas. A criança simboliza o Iniciado, porque a Iniciação é um renascimento espiritual na mesma encarnação. No Oriente, o Iniciado é “aquele que nasceu duas vezes”.

O Sermão aos Peixes

Conta uma lenda que Antônio estava pregando em Rimini, onde havia uma multidão de hereges. O franciscano pregava e, como os descrentes não lhe davam atenção, foi até a foz do rio local, junto ao mar, e começou a falar voltado para a água:

- Ó peixes, meus irmãos, vinde vós ouvir a palavra do Senhor, já que os infieis menosprezam ouvi-la!

E logo vieram em grande número peixes de todos os tamanhos. E ficavam com as cabeças fora da água, para ouvir melhor. Ao mesmo tempo peixes de todas as espécies iam a outros lugares para trazer seus semelhantes ao local da pregação. Quando estavam à espera, por ordem conforme seus tamanhos, o santo começou a dizer, solenemente:

“Peixes, meus irmãos, muita obrigação tendes de, à vossa maneira, cantar louvores e render graças a Deus nosso criador. Ele deu-vos como morada este nobre elemento, a água doce ou salgada, e assim vos deu abrigo para fugirdes das tempestades. E a água que vos deu é clara e límpida, a fim de poderdes ver os caminhos ao andar e ver os manjares que haveis de comer. O mesmo Criador vos reparte o alimento necessário à vida.”

E falou do profeta Jonas, que passou três dias debaixo da água.

Em “A Doutrina Secreta”, Helena Blavatsky liga o mistério do signo de Peixes - o signo da compaixão universal - ao avatar de Vishnu, Matsya, um peixe, ou um homem-peixe.¹⁰

¹⁰ Veja “[A Doutrina Secreta](#)”, de Helena P. Blavatsky, parte I do volume I, pp. 289-290 na edição online da Loja Independente. Sobre a vivência da identidade interior entre peixes e homens, examine o artigo “[A Metamorfose de um Funcionário Público](#)”.

Os peixes são um antigo símbolo do cristianismo, cujos ensinamentos giram em torno da ideia da compaixão.

A lenda conta que quanto mais pregava Antônio, mais crescia a multidão dos peixes. Com a notícia do milagre, o povo de Rimini veio saber do que estava acontecendo. Vieram também os hereges, ouviram o sermão e todos se converteram. Ao final, os peixes se dispersaram outra vez pelo mar e pelo rio com mostras de grande contentamento. (“Florinhas”, pp. 23 a 27)

Temos aqui uma lição sobre a unidade de toda a vida, cuja percepção é transmitida pelo planeta Netuno, o regente do signo de Peixes. Netuno, em mitologia, é o deus do mar. Vemos aqui a fraternidade universal unindo seres humanos, animais e meio ambiente. Humanos e animais compartilham rios e oceanos de águas puras e cheias de vida.

Comparando Antônio com Cristo

Em 1572, Luís de Camões publica sua obra monumental “Os Lusíadas”, cujo Canto Primeiro descreve uma reunião plenária dos deuses antigos. Presidida por Júpiter em plena Via Láctea, a reunião das divindades clássicas estabelece um fato básico: a glória dos heróis portugueses e dos seus descobrimentos é maior e é mais poderosa que a glória dos antigos assírios, persas, gregos e romanos (estrofe 24). A ideia guia o livro inteiro de Camões.

No século seguinte, Antônio Vieira (1608-1697) torna claro o projeto de um Portugal que seja “a luz do mundo”. Surge a ideia mais definida do Quinto Império, a versão lusitana da *Terceira Idade* de Joaquim de Fiore. Deste ponto de vista, o Velho Testamento expressava a era do Pai; o Novo Testamento documentara a era do Filho; a Terceira Idade seria a era do Espírito Santo, da humanidade sacralizada.

O novo messianismo tinha o movimento franciscano como uma das suas bases históricas. Portugal era uma nação mística, herdeira dos templários, destinada a espiritualizar o mundo. Como parte deste projeto redentor, Antônio Vieira toma a liberdade de enxergar Santo Antônio de Lisboa como um Homem-Deus, um ser sobre-humano. Encarando como verdadeiros os milagres de Antônio, Vieira age como profeta de uma nova era.

Os superpoderes do santo foram fabricados pela devoção popular séculos depois da sua morte, sob a cuidadosa orientação de publicistas jesuítas. Mas agora a narrativa dos milagres é colocada a serviço de um projeto de reforma mística do mundo. Vieira combina história com ficção. Sua ação criativa, no entanto, não chega a ser uma novidade. Desde sempre, a imaginação e a fantasia popular foram decisivas no modo como as nações veem a realidade e vivem as religiões.

Um gênio da criatividade literária, Vieira trata a história humana como uma poesia a ser criada. Sua intenção é provocar um despertar coletivo. Tece comparações detalhadas entre as lendas de Jesus Cristo e as de Antônio de Lisboa, e atribui uma certa vantagem ao santo português.

Conta a lenda que Antônio fez ressuscitar um morto para que prestasse depoimento perante as autoridades judiciais. Prestado o testemunho direto por parte da pessoa que morrera, foi restabelecida a justiça e libertado um inocente acusado de assassinato. Antônio então consente que o morto volte a morrer, recusa-se a revelar quem é o culpado, e desaparece da cena.

Comparando este milagre com a ressurreição de Lázaro, prodígio realizado por Jesus, Vieira escreve:

“O caso da ressurreição de Lázaro todos o sabem. Comparemos uma com outra, e veremos que, onde Cristo fez um milagre, santo Antônio fez seis milagres, e maravilhas sem conto.”

Ponto por ponto, o português é visto como mais eficiente do que Jesus no uso de poderes psíquicos.

Vieira escreve:

“Cristo tardou quatro dias: Antônio não tardou; e, sendo português, não tardar, segundo milagre. Cristo, do Jordão, onde estava, a Betânia, pôs quarenta e oito horas; Antônio de Itália a Portugal foi em uma noite: terceiro milagre. (...) Cristo com uma ressurreição deu uma vida: Antônio com uma ressurreição deu três vidas; uma ao morto que ressuscitou; outra ao inocente, que não morreu; outra ao culpado, que não quis revelar.”¹¹

Os Escritos de Santo Antônio

Vimos o processo de fabricação fantástica dos milagres do santo, cujas lendas contêm algumas lições valiosas para o caminho espiritual, mas também trazem o grande perigo da manipulação da credulidade popular.

Examinemos agora como são os escritos de Antônio. O que pensava o franciscano histórico, o homem de carne e osso? Ao final de cada citação, indico o volume e a página correspondentes em suas Obras Completas.¹²

Diz o verdadeiro Antônio:

* “Em nosso tempo, a estulta sabedoria dos leitores e dos ouvintes degradou-se a tal ponto que, se não encontram e não ouvem palavras elegantes, rebuscadas e altissonantes de novidade, enfastiam-se da leitura e recusam-se a ouvir.” (vol. I, pp. 5-6)

Aqui o santo parece condenar antecipadamente o uso pragmático de milagres imaginários como recurso para chamar atenção dos crentes.

Na verdade, assim como a teosofista Helena Blavatsky, Antônio, o monge franciscano, desmascarou de modo implacável o envolvimento do clero com a corrupção mundana e os interesses materiais:

¹¹ “Sermões”, Padre Antônio Vieira, Editora das Américas, São Paulo, volume XXI, 1959, 426 pp., ver pp. 280-281.

¹² “Obras Completas”, Santo António de Lisboa, Lello & Irmão, Editores, Portugal, 1987, edição em latim e português. Em algumas situações, coloco entre colchetes uma palavra explicativa para facilitar a compreensão.

* “Hoje não se fazem feiras, não se celebram reuniões seculares ou eclesiásticas em que não encontres monges e religiosos. Compram e voltam a vender, edificam e destroem, e mudam as coisas quadradas em redondas. Em causas judiciais, provocam partidos, litigam diante de juízes, contratam decretistas e legistas, convocam testemunhas, prontos a jurar com elas a favor de assunto transitório, frívolo e vão.” (vol. I, p. 143)

Antônio cita as parábolas de Salomão para dizer que “a terra estremece com três coisas”, e uma delas é “um escravo que chega a reinar”. Em seguida, explica:

* “O escravo que reina simboliza o prelado, escravo da malícia, ensoberbecido, macaco no telhado, a presidir o povo de Deus”.

E ainda:

“O prelado da Igreja é o escravo que reina, é o príncipe iníquo sobre um povo humilde, é o leão que ruga pela soberba, urso faminto de rapina, espoliando o povo pobre. E este infeliz manifesta-se mais cruel do que o urso. De fato, consta em Ciências Naturais que a natureza da águia e do urso é tal que nunca roubam naquela região onde escolheram ninho ou antro. Servo mau, perdoa pelo menos aos teus, onde escolheste o ninho do teu esterco e o antro da tua cegueira.” (vol. I, pp. 773-774)

* “*A terra estremece com um insensato que chega à abundância. O insensato, saturado de alimento, figura o prelado da Igreja guloso e luxurioso, de quem se escreve nas Parábolas: ‘O que ama a mesa lauta e o vinho não enriquecerá, a saber, com bens espirituais’.*” (vol. I, p. 775)

Os Níveis de Percepção da Vida

Um dos aspectos mais importantes da filosofia esotérica, pouco abordado nas religiões convencionais, é o que se refere aos diversos níveis de consciência. Para a sabedoria teosófica, não basta estar consciente. É preciso saber até que ponto nossa consciência é elevada ou terrestre, lúcida ou distorcida por egoísmo. Santo Antônio abordou a questão com lucidez:

* “E assim como no azeite não há água nem terra alguma, também no amor de Deus não deve misturar-se qualquer carnalidade ou prazer terreno, mas haver tão-somente ar, ou seja, pureza de espírito e vida celestial. Ditosa a alma possuidora do amor de Deus, pois nada por cima de toda água” (vol. I, p. 783)

A teosofia ensina que o ser humano tem sete níveis de consciência, e vários subníveis em cada um deles. No plano mental, por exemplo, há *buddhi-manas*, a mente espiritual, e *kama-manas*, a mente terrestre.¹³

E santo Antônio escreve:

* “O Espírito do Senhor, figura do intelecto espiritual, deve ser levado por cima das águas, figura do intelecto carnal. Donde a afirmação em São João: ‘É o Espírito que vivifica, a

¹³ Veja [“Os Sete Princípios da Consciência”](#).

carne, porém (isto é, o intelecto carnal) *não presta para nada, porque a letra mata.* (...) Sobre o assunto escreve Ezequiel: *‘O espírito da vida estava nas rodas’*. Nas rodas do Velho e do Novo Testamento está o espírito da vida, isto é, o intelecto espiritual, vivificante da alma. (...) O Espírito do Senhor, ou seja, o prelado espiritual, é levado por cima das águas, símbolo dos povos.” (vol. I, pp. 783-784)

Uma Escada Para o Mundo Celeste

A teosofia clássica ensina que há uma ponte ou escada para o mundo celeste, ou seja, para os níveis superiores de consciência.¹⁴ Antônio, por sua vez, destaca que o Senhor disse a Moisés:

* “Sobe para mim ao monte e permanece aí; e eu te darei duas tábuas: a lei e os mandamentos, que eu escrevi, para os ensinarem aos filhos de Israel”.

E Antônio explica:

* “O monte, por causa da sua altitude, significa a excelência da vida santa, em que o pregador, deixando o vale dos bens temporais, deve subir pela escada do amor divino, e aí encontrará o Senhor, pois que o Senhor se encontra na excelência da vida santa.” (vol. I, p. 118)

* “Na excelência da vida santa requerem-se estes três predicados: [*ser*] constante em relação a si [*mesmo*], contemplativo em relação a Deus [*a Lei Universal*], brilhante quanto ao próximo.” (vol. I, p. 120)

Mas “a subida do monte é difícil, porque o monte é alto”, diz Antônio. Para subir mais facilmente, podemos tomar aquela escada de que se lê:

* “Viu Jacó em sonhos uma escada direita, posta sobre a terra, cujo cimo tocava o céu e os anjos de Deus subindo e descendo por ela, e o Senhor apoiado na escada”. (vol. I, p. 121)

* “Nota que esta escada tem dois banzos [duas colunas verticais] e seis degraus, pelos quais se pode subir. Esta escada significa Jesus Cristo [*o Mestre*]; os dois banzos são a natureza divina e a natureza humana; os seis degraus são a sua humildade e pobreza, a sabedoria e misericórdia, a paciência e obediência.” (vol. I, p. 122)

O significado é claro: o aprendiz sobe pela escada ao desenvolver em si mesmo as qualidades do Sábio Imortal.

Como a mesma coisa pode ser vista de diversos ângulos, mais tarde a escada é descrita de outro modo.

Diz Antônio:

* “Nota que esta escada possui dois banzos e seis degraus, através dos quais se faz a subida. Esta escada é a santificação do penitente [...]. *Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação, que cada um de vós saiba possuir o seu corpo em santidade e em honra.* Os banzos desta

¹⁴ Examine “[A Ponte Entre Céu e Terra](#)”.

escada são a confissão e a contrição ¹⁵. Os seis degraus são aquelas seis virtudes em que consiste toda a santificação da alma e do corpo, a saber, a mortificação da vontade [egoísta] própria, o rigor da disciplina, a virtude da abstinência, a consideração da própria fraqueza, o exercício da vida ativa, a contemplação da glória celeste.” (vol. I, pp. 152-153)

O Que é a Vida

* “Que é a nossa vida?”, pergunta Antônio. “Um vapor que aparece por um instante e que em seguida se desvanece.” E na página seguinte: “O prazer, como o fumo, perturba ainda os olhos do entendimento...”. (vol. I, pp. 372-373)

O desejo descontrolado leva nações inteiras a destruírem o meio ambiente, eliminando florestas e contaminando o ar e as águas, o mar e os rios. Destroem também o espaço psicológico. Envenenam com ódio e cobiça as relações humanas e os espaços de convivência.

Antônio escreve:

* “Ai, portanto, daqueles que perderam a eternidade da vida por uma pequena abundância e momentâneo deleitezinho da vida presente. (...) E por isso beberão das sete taças da ira de Deus”.

A ira de Deus é o Carma dos erros cometidos. Antônio prossegue:

“Com isso está perfeitamente de acordo o que se lê no Apocalipse. *Ouvi, diz S. João, uma grande voz que saía do céu, a qual dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus. E foi o primeiro e derramou a sua taça sobre a terra; e o segundo derramou a sua taça sobre o mar; e o terceiro derramou a sua taça sobre os rios e sobre as fontes das águas; e o quarto derramou a sua taça sobre o Sol; e o quinto derramou sua taça sobre o trono da besta, e o reino dela tornou-se tenebroso; e o sexto derramou a sua taça sobre aquele grande rio Eufrates; e o sétimo derramou a sua taça pelo ar.*”

Mas, para o santo, os aspectos do ambiente natural mencionados aqui são também símbolos. A terra indica os avarentos. O mar representa os soberbos e orgulhosos. Os rios e as fontes das águas, os luxuriosos. O Sol, os vaidosos. O trono da besta, os invejosos e os tristes; o rio Eufrates, os bêbados e os gulosos; e o ar, os falsos religiosos. (vol. I, pp. 373-374)

Todos eles sofrem de dispersão mental, mas há uma cura para esta doença.

Simplicidade Voluntária ou Esbanjamento?

Em determinado sermão, poucas linhas depois de citar os filósofos Cícero e Sócrates, Santo Antônio escreve:

* “Nas provações deste século choram todos os bons e alegam-se os amantes do mundo”.

¹⁵ A confissão e a contrição, isto é, a sincera observação dos erros e a constante decisão de melhorar a si mesmo.

Em outras palavras, diante das tentações da vida diária, os amigos da ilusão se alegram e os sensatos permanecem afastados.

Antônio prossegue:

* “De ambos escreve Isaías (Is 22, 12-13): ‘*O senhor dos exércitos convidou-nos ao gemido e ao pranto, a rapar a cabeça e vestir-nos de saco. Eis em que consiste o prazer e a alegria, matar novilhos, degolar carneiros, comer carne e beber vinho. Comamos e bebamos porque amanhã morreremos.*’ Todos os justos pela graça de Deus são convidados ao gemido da contrição e ao pranto da confissão; a rapar a cabeça, ou seja, à renúncia dos bens temporais, e a vestir-se de saco, isto é, à aspereza da penitência.” (vol. I, p. 377)

“Contrição” é o arrependimento dos erros que nos afastam da nossa própria alma espiritual. “Confissão” é a prática da observação e da correção dos nossos erros e falhas. “Penitência” é a austeridade, a abstinência de prazeres materiais, considerada essencial em teosofia clássica e ensinada nos Aforismos de Ioga de Patañjali.

A esta altura, o monge resume de modo simbólico a cena da humanidade mais desinformada:

* “Mas os amantes do mundo vivem no prazer e na alegria do pecado, inebriados pela gula e pela luxúria. Esta é aquela Babilônia, de que há concordância no Apocalipse: *Vi, diz S. João, uma mulher sentada sobre uma besta da cor de escarlate, cheia de nomes de blasfêmia, que tinha sete cabeças e dez chifres.*” (vol. I, p. 377)

Em cada estágio da evolução humana, tem sido sempre necessário optar entre a vida simples dos sensatos e o esbanjamento cego dos que não possuem discernimento.

A Raja Ioga de Antônio

Os aforismos de ioga de Patañjali começam com uma definição básica: Ioga é a cessação das modificações mentais. E qual é a causa dos obstáculos para que isso ocorra?

O que leva a mente a estar em movimento dispersivo?

São os cinco sentidos, e a memória das informações e estímulos trazidos por eles, que mantêm a mente inquieta. A mente que se afasta dos cinco sentidos encontra a paz e eleva-se até o mundo divino. Santo Antônio escreve de modo certo, ensinando cristianismo como quem ensina ioga:

* “Os ladrões são os cinco sentidos do corpo. Deles há concordância em Jó: *Vieram juntos os seus ladrões e fizeram para si caminho sobre mim, e cercaram em roda a minha casa.* Ladrão vem de *latitare*, estar escondido nas emboscadas. Os sentidos do corpo, enquanto se escondem sob a aparência de necessidade, colocam as emboscadas do prazer. Vêm juntos para enganar mais facilmente, e fazem através da alma miserável um caminho largo, que leva à morte. Com eles é cercada em roda a casa do nosso corpo, a fim de que a alma, por onde quer que queira sair, neles caia (...).” (vol. II, p. 45)

A morte de que se fala acima é a morte espiritual.

Os cinco sentidos prendem no corpo a alma mortal ou *eu inferior*. Os mestres da sabedoria oriental ensinada pela teosofia são raja-iogues. Eles ensinam que Atma e Buddhi, os níveis superiores de consciência, *estão fora do corpo*.¹⁶ A mônada, formada por Atma e Buddhi, flutua acima da cabeça, como indicado nos desenhos antigos, que costumam incluir um sol em torno da cabeça dos santos e sábios.

É preciso, portanto, romper o domínio dos cinco sentidos para erguer-se acima do corpo físico e ter contato estável com o eu superior.

No trecho a seguir, o que Antônio chama de *alma miserável* é a *alma presa, que sofre*:

* “O caminho da alma miserável está fechado por todos os lados. O homem, entregue aos sentidos do corpo, não pode realizar o bem que vê ser sua obrigação. Põem-se-lhe então trevas no caminho, e já não consegue distinguir o que deve fazer.”

Na linguagem cristã, o *Espírito Santo* é o centro de energia universal do eu superior. Diz Antônio:

*A alma é despojada da glória, ao ser desnudada da graça do Espírito Santo; é-lhe tirada a coroa, quando é privada da intenção pura do espírito. E assim destruída, perece. E é como a árvore sem a raiz da humildade, arrancada pelo vento da sugestão diabólica [para fora] da terra da eterna estabilidade...”. (vol. II, p. 46)

“Sugestão diabólica” significa “sugestão ilusória”. Deixando de lado a superstição medrosa, percebemos que “diabo” é uma personalização simbólica da *ignorância espiritual acumulada*, nossa própria e dos outros. A ignorância é perigosa e frequentemente seduz e engana o ser humano. A tarefa é concentrar-se no que é mais elevado, de modo que os “cinco ladrões” não possam roubar ou destruir o contato da alma mortal com a alma espiritual.

Construindo um Corpo Sutil

O corpo humano deve passar por uma transformação quase impossível de enxergar. O discípulo da sabedoria divina aprende a trocar o que é perecível pelo que é eterno.

A mudança é gradual, e Antônio escreve:

* “A terra de Canaã é o nosso corpo, em que devemos negociar, trocando em feliz comércio os bens terrenos pelos eternos, os bens transitórios pelos bens permanentes; e isto sempre de coração humilde.” (vol. I, p. 110)

* “Isto é o que diz Jó: *O homem dará pele por pele e deixará tudo o que possui por sua vida*. O homem, experimentando e vendo quão suave é o Senhor, dará e trocará a pele da pompa secular pela pele da glória celeste; ou então, dará ao carniceiro e ao carrasco a pele, isto é, este mortal corpo de pelo, e há de expô-lo ao gládio e à morte em troca da pele gloriosa dum corpo imortal.” (vol. I, p. 110)

¹⁶ Veja o primeiro parágrafo da Carta 72 de “Cartas dos Mahatmas”, Editora Teosófica, Brasília, volume I, pp. 336-337.

O caminho da sabedoria provoca uma mudança alquímica no corpo e na alma mortal, de modo que ambos se tornam mais sutis e passam a responder melhor à energia do espírito, a alma imortal. Assim gradualmente aprendemos a viver e funcionar além das funções animais do corpo.

Na linguagem cristã de santo Antônio, “Adão” significa o homem ignorante, e “Cristo” simboliza os grandes sábios imortais. “Confissão” é a observação vigilante e a correção dos nossos defeitos. O monge do século 13 escreve:

* “Nós, que participamos de Adão segundo a carne, de Cristo pelo espírito, dispamo-nos do velho homem com os seus atos, que são a gula, a vanglória e a avareza; *vistamo-nos outra vez com o novo homem*, renovados pela confissão, a fim de refrear com jejuns o ardor desordenado da gula, reprimir na confissão humilde o orgulho e a vanglória e calcar no coração contrito o espesso lodo da avareza. *Bem-aventurados*, diz o Senhor, *os que têm espírito de pobre*, isto é, espírito atribulado e coração contrito, *porque deles é o reino dos céus.*” (vol. I, p. 113)

Assim se constrói um novo corpo humano, um corpo digno da vida imortal. Qual é o caminho prático a que Antônio nos convida?

Decidir que optaremos pelo *prazer da autodisciplina*, árido por fora e iluminado por dentro. É nosso privilégio morrer voluntariamente para as coisas que não valem a pena. Está ao nosso alcance ter a *satisfação do cumprimento do dever*, enquanto vivemos o processo do despertar para a sabedoria.

000

O texto “**Santo Antônio, a Verdade e o Mito**” foi publicado nos websites associados dia 10 de junho de 2021.

000

Leia mais:

- * [Santo Antônio e a Teosofia do Sol.](#)
- * [Deixando de Lado a Soberba.](#)
- * [Francisco, o Santo Panteísta.](#)
- * [Oração Para Aqueles que Curam.](#)
- * [Outros Textos Sobre Cristianismo e Teosofia.](#)

000